

Ulysses diz que não pagará dívida se for presidente

BRASÍLIA — Ressuscitando a retórica veemente do antigo MDB, o deputado Ulysses Guimarães afirmou ontem que, se eleito presidente, não pagará a dívida externa do país "com cadáveres, com mortos, como na Venezuela." Segundo ele, a dívida externa vale sua cotação de mercado. Ontem, ela estava cotada a 35 centavos de dólar para cada dólar devido pelo Brasil.

"O que muda agora?", perguntou um jornalista depois que o programa de metas divulgado por Ulysses chamou a atenção pela semelhança com as propostas de Tancredo Neves e José Sarney no começo da Nova República.

A resposta de Ulysses foi seca: "O que muda é que eu espero receber a confiança da população". Foi uma referência ao fato de Sarney não ter sido eleito pelo voto direto.

O programa de Ulysses tenta ressuscitar o velho MDB, passando por temas que vão da dívida externa ao meio ambiente. Nessa tentativa, Ulysses nem poupar o presidente dos Estados Unidos, George Bush, cuja interferência no sentido de impedir a construção da rodovia ligando Rio Branco, no Acre, a Pucalpa, no Peru, foi classificada com três fortes adjetivos: "Impertinente, indevida e infeliz."

Consultando um papel com dados previamente anotados, o presidente do PMDB falou aos jornalistas por quase uma hora, sem interrupções e às vezes em tom veemente, como no caso da referência ao presidente norte-americano. Essa atitude às vezes um pouco agressiva foi assumida por Ulysses, que fez questão de dizer sobre seu temperamento: "Se vocês forem ao meu enterro, certamente vão ouvir alguém comentar: 'Ali vai um camarada contrariado'... Sou veemente, vou morrer assim", disse Ulysses.

Veemência — Apesar da alfinetada em Sarney, o presidente do PMDB condenou a tentativa de sua expulsão dos quadros do partido, mesmo tendo ele se filiado apenas para integrar a chapa de Tancredo. "O nosso partido deve se preocupar com idéias e não com pessoas".

Ulysses classificou o PMDB como um partido que está à esquerda no processo político, apesar de dizer que não gosta desta divisão entre direita e esquerda. Defendeu a manutenção do poder de compra dos salários — sem especificar de que forma isso poderá ser feito — e chegou mesmo a fazer sugestões concretas de governo, como autêntico candidato em palanque. Ulysses propôs a criação de um salário-educação, nos moldes do salário desempregado, para garantir o acesso da população carente ao ensino.

Veemente mesmo Ulysses foi ao falar da dívida externa. Na questão ambiental, além de prometer que a estrada ligando Brasil e Peru será construída pois é um "compromisso do PMDB", Ulysses disse que "o maior inimigo do meio ambiente é a miséria". Por fim, fez questão de situar o PMDB como um partido "independente" do governo, com propostas próprias e atuação destacada, como no caso da votação do orçamento da União, que teve vários artigos vetados pelo Congresso Nacional com apoio do PMDB.

Quando sentar-se na cadeira do presidente da Câmara dos Deputados, neste sábado, para presidir a convenção do PMDB, Ulysses terá atrás de si uma grande bandeira que está sendo preparada pelos correligionários.

Mesmo acreditando que venceria a eleição presidencial de novembro se for o candidato do PMDB, o governador da Bahia, Waldir Pires, assegurou ontem que somente um fato excepcional, que o faça sentir-se "convocado para servir ao Brasil", o fará deixar o governo baiano para disputar a sucessão do presidente José Sarney. Apesar disso, Pires revelou ter agradecido ao governador do Rio, Wellington Moreira Franco, a lembrança do seu nome como um dos possíveis candidatos do partido à sucessão presidencial. "Entendo que a escolha do candidato à Presidência deve obedecer a critérios democráticos e envolver consultas amplas, mas ainda assim, me sinto honrado com a lembrança do meu nome, entre os outros apontados".